

Índice

“Lector, vuelve a casa”	1
Poder-se-á questionar Biden?	2
“Las nuevas rutas de la seda”	3
“La transformación de la mente moderna”	4

“Lector, vuelve a casa”

Depois do seu excelente “[Cómo aprendemos a leer](#)”, (Ediciones B, 2008) Maryanne Wolf deu-se conta de que, ao longo dos sete anos que dedicou a este livro, mudara o cenário devido à irrupção em massa dos formatos digitais de leitura. Propôs-se então estudar os efeitos das novas tecnologias no cérebro e os problemas derivados do facto das crianças dedicarem tanto tempo aos ecrãs.

Na segunda carta, as páginas mais técnicas do livro, apresenta uma visão geral do conhecimento atual sobre o cérebro leitor. Na terceira, descreve os processos que compõem a “leitura profunda” – capacidades empáticas e inferenciais, de análise crítica, de reflexão e compreensão – e interroga-se se mudará inexoravelmente a qualidade da nossa atenção na leitura, a base da qualidade do nosso pensamento. Na quarta, faz notar como num meio com imensa informação, a nossa capacidade de análise e reflexão pode atrofiar-se.

Nas cartas seguintes, a autora afirma que adota uma posição de “guerreira da leitura” a favor das crianças. Na quinta, discute “os diversos efeitos que as esmagadoras solicitações digitais exercem sobre muitas das nossas crianças”.

Na sexta, fala das primeiras experiências de vida leitora e salienta que, no seu mundo de leitura ideal, a presença de dispositivos digitais deveria ser muito pequena nos primeiros cinco anos; explica também a importância da investigação para levar aquilo que sabemos nestes terrenos a todas as crianças analfabetas do mundo, “um dos grandes desafios deste século”.

A sétima carta sublinha que os professores necessitam de maior preparação para entender como deve ser a aprendizagem digital, de forma a não exacerbar com ela os crescentes problemas de atenção que são causados pelas novas tecnologias.

Na oitava, faz uma proposta educativa teórica, intitulada “Construindo um cérebro ‘balfabetizado’”, onde procura ensinar as crianças tanto a dominarem o suporte impresso como o digital, de modo que possam ter fluidez em ambos: propõe dedicar mais tempo nos primeiros anos aos incipientes processos de reflexão, algo complicado numa cultura cheia de distrações, e dedicar um esforço maior no impulso das primeiras capacidades de leitura profunda.

Comenta a importância que para as crianças tem aprender a desenvolver os próprios pensamentos escrevendo à mão nos primeiros anos de escola. Fala também que se deve investir mais em investigação nas crianças com problemas de leitura difíceis devido a motivos ambientais ou biológicos, e na formação integral para os professores, pois são muitos os erros que se cometem na utilização da tecnologia digital com fins educativos.

A nona carta, “Leitor, volta para casa”, é uma proposta para os adultos: começa com uma sugestiva citação inicial de apresentação – “ler é um ato de resistência num cenário de distração” – e nela se insiste novamente na importância do que a autora designa por paciência cognitiva ou, se se quiser, de capacidades de leitura reflexivas e contemplativas que vão para lá do puramente informativo ou utilitário e que nos permitem ter uma compreensão maior e melhor das nossas vidas.

Tal como fazia no seu livro anterior, Maryanne Wolf combina neste, neurociência, psicologia, filosofia e educação, aspeto que se junta à sua condição de mãe de dois filhos, um deles disléxico. Este livro caracteriza-se igualmente pela fluidez da exposição, que inclui muitas referências literárias e culturais acertadas e histórias pessoais a propósito.

O livro resume muitas investigações, que se pormenorizam em notas de rodapé, ao mesmo tempo que se indica que pontos são ainda obscuros. De qualquer maneira, as considerações de tipo educativo que se fazem, têm origem no senso comum: na sexta carta, diz às mães e pais jovens para não se preocuparem com as investigações, que dediquem tempo de leitura partilhada com os seus filhos, e que confiem na sua “mãe, pai, avô ou avó interior”, embora devam ter em conta, isso sim, que nem tudo será como esperam.

O livro refere também a importância que, para a qualidade da vida democrática, tem a leitura profunda ou, por outras palavras, que haja na sociedade muitos bons leitores. Para o ilustrar, conta uma história pessoal relativamente às duas formas de leitura – a espasmódica e acelerada própria da leitura *online* e a tranquila em que o ritmo da leitura se encaixa com o ritmo da obra – e refere-se a uma história popular dos ameríndios norte-americanos. Nela, “um avô fala da vida ao seu jovem neto. Conta-lhe que, em cada um de nós, há dois lobos que coabitam no nosso peito e que estão sempre a lutar entre si. O primeiro lobo é muito agressivo e está cheio de violência e de ódio pelo mundo. O segundo lobo é pacífico e transborda luz e amor. O neto pergunta ao seu avô ansiosamente qual dos dois vence. E o avô responde-lhe: ‘aquele que alimentares’”.

L. D. G.

Poder-se-á questionar Biden?

De um meio de comunicação que aspire a ser contrapeso do poder, é de esperar uma atitude de escrutínio atento ao governo em funções. É o que fizeram com Donald Trump os principais diários e cadeias de televisão norte-americanos. Mas a crítica mordaz de alguns desses meios já se dissolveu na complacência com a Administração Biden-Harris, à qual têm dedicado panegíricos prematuros.

A vigilância mediática a Trump foi realmente exaustiva. A título de amostra, há a [lista](#) feita pelo “The New York Times” dos insultos que o ex-presidente proferiu no Twitter desde que anunciou a sua candidatura, em janeiro de 2015, até a sua plataforma ter fechado a sua conta: “incompetente e corrupto”, “odioso e ganancioso”, “um dos homens mais tontos e desleais do Congresso”, “bastante estúpido e desagradável”... Registos

como esse serviram para mostrar de modo claro como o antigo presidente contribuiu para degradar o debate público.

Ao mesmo tempo, houve sempre algo de inquietante na facilidade com que os grandes meios progressistas [morderam a isca](#) das provocações de Donald Trump. Até que ponto houve cumplicidade? Aludiu a isso Jill Abramson, editora executiva desse diário entre 2011 e 2014, numa entrevista em que apelou para a [responsabilidade dos meios de comunicação](#): “Estamos a falar tanto [de Trump] porque cada notícia tem realmente interesse jornalístico, ou estamos em busca de audiências?”.

Previsivelmente, os *tweets* de Biden não darão tanto que falar. Na era da [política espetáculo](#), que Trump tanto dominava, o tom comedido do democrata será um balde de água fria para os que aspiram a fazer títulos com a críspação. Mas isso não significa que ostente um [programa](#) tão puro e tão conciliador que situe o novo presidente “para lá da política ou da ideologia”, como defendeu o “The New York Times” (6.10.2020) no editorial de apoio à sua candidatura.

A própria ideia de que Biden vem “sara as feridas” de um país dividido, reforça na opinião pública a sua imagem de Messias contra a polarização. Exemplo concreto deste enquadramento é a [metáfora](#) de David Chalian, responsável pela cobertura política da CNN, que vê nas luzes colocadas ao longo do lago do National Mall em Washington DC, “o prolongamento dos braços de Joe Biden a abraçar os Estados Unidos”.

Chama a atenção a insistência dos apoiantes de Biden na sua decência pessoal. Do ponto de vista da estratégia eleitoral, percebe-se que os democratas quisessem apresentar as presidenciais de novembro passado como um exemplo de [duelo de carateres](#) mais do que de programas. Mas uma vez conquistada a Casa Branca, dá a impressão de que se pretende blindá-lo contra qualquer crítica, como que insinuando: se se criticar as medidas deste homem decente, está-se a ser cruel. Na presidência de Biden, haverá certamente que insistir na distinção básica de que pôr em causa as ideias de uma pessoa não significa atacá-la.

Outra forma de blindagem subtil contra as críticas poderia ser a apresentação das decisões da Administração Biden-Harris como o resultado inevitável da racionalidade científica. A própria Kamala Harris, nova vice-presidente, avançou esta narrativa a 7 de novembro, quando já era clara a vitória da dupla democrata: “Escolheram a esperança, a unidade, a decência, a ciência e, sim, a verdade”.

O culto do líder que tanto foi reprovado aos apoiantes de Trump continua vivo entre os de Biden. Surpreende que o veterano colunista do “The New York Times”, David Brooks, muitas vezes equilibrado e impulsionador da reconciliação bipartidária, profira elogios tão falhos de sentido crítico: “Só por ser quem é, Biden estabelece as bases para um renascer moral. Os seus valores transcendem a guerra cultural esquerda-direita, urbano-rural, de que padecemos durante uma geração”, [escreveu](#) a 21 de janeiro, um dia depois da tomada de posse presidencial.

No dia seguinte, no 48.º aniversário da sentença *Roe v. Wade*, Joe Biden e Kamala Harris reiteraram o compromisso da sua Administração de blindar numa lei federal essa sentença do Supremo Tribunal dos Estados Unidos que divide as opiniões e de nomear juizes que o defendam. Também revogaram a chamada “Mexico City policy”, que proíbe dar fundos públicos às organizações que promovem o aborto no estrangeiro, uma política que foi implantada por Ronald Reagan, revogada por Bill Clinton, restabelecida por George Bush filho, voltada a ser anulada por Barack Obama e que [foi novamente estabelecida por Donald Trump](#).

Que Joe Biden e Kamala Harris tenham uma agenda ideológica própria – como a tiveram os seus predecessores – ninguém o estranha. Aquilo que chama a atenção é que experimentados jornalistas queiram fazê-la passar pelos valores de todos os norte-americanos. Não seria mais honrado que se admita que Joe Biden constitui o novo líder da esquerda nas [guerras culturais](#) com que se têm vindo a confrontar democratas e republicanos?

Se se aplicar um “cordão sanitário” intelectual para proteger as ideias e as ações da Administração Biden-Harris estar-se-á a fazer pouco pela democracia que se supõe vêm salvar. Do ponto de vista da saúde democrática, será sempre melhor que os meios de comunicação sirvam de contrapeso do poder. Sobretudo, quando existe tanto poder que se encontra nas mãos do Partido Democrata: a Casa Branca, a Câmara de Representantes e o Senado, além da simpatia manifestada por Silicon Valley.

Sobre a Administração Biden-Harris pode-se, por exemplo, dizer o que [escreveu](#) o jornalista de “El País” (9.1.2020) Antonio Caño sobre o governo do PSOE e do Unidas Podemos, numa altura em que os simpatizantes de Pedro Sánchez pediam abertura de mente para deixar para trás a críspação e o bloqueio político: “Trata-se de um convite tão tentador como enganador e que, do meu ponto de vista, é hipócrita. (...) Tão legítimo é este Governo como o direito a que possa ser criticado”.

Na era de Donald Trump, [não faltaram conservadores](#) que se decidiram ser consciência do poder, indo na contra-corrente das suas próprias fileiras. Nos próximos anos, na era de Joe Biden, é perfeitamente expectável que também venham a aparecer [dissidentes](#) contra a conformidade ideológica na esquerda.

J. M.

“Las nuevas rutas de la seda”

“The New Silk Roads”

Autor: Peter Frankopan
Crítica. Barcelona (2019)
368 págs.

Peter Frankopan, catedrático de História Global na Universidade de Oxford, escreveu este livro para recordar à Europa e ao Ocidente, em geral, que o mundo está a mudar e que a história deixou de ser eurocêntrica: deslocou-se para o continente asiático.

De certa forma, este livro é uma continuação de “The Silk Roads”, o seu ensaio anterior, uma espécie de manual de história universal centrado na Ásia e Oriente, não na Europa, como era habitual. A partir da nova rota da seda, a iniciativa *Belt and Road* da China, o autor pretende pôr em relevo que no presente e no futuro todos os caminhos do mundo vão passar por Pequim.

O despertar da Ásia não aconteceu da noite para o dia, refere Frankopan. Na década de 1990, apesar da retórica do fim da História e do triunfo da democracia liberal, já havia indícios de que isto ia ser assim, embora o autor saliente que o despertar do Sol no Oriente não significa que vá pôr-se no Ocidente. O espaço euroasiático é o novo eixo do mundo, e Rússia, China, Índia, Irão, Arábia Saudita e Turquia também têm muito a dizer.

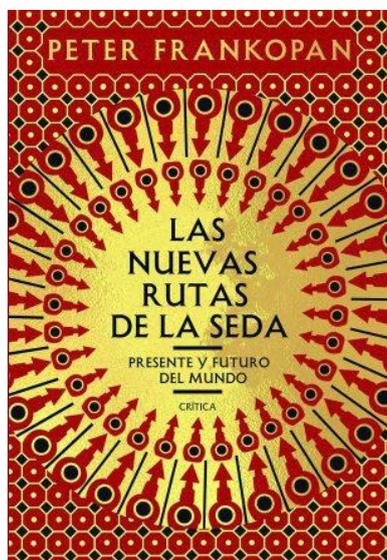
Frankopan sublinha a irrelevância da União Europeia, por falta de visão geopolítica, e os esforços inúteis dos Estados Unidos de Donald Trump para conseguir deter o ímpeto das potências euroasiáticas. Opor-se à China através de guerras comerciais ou procurar uma aliança com a Índia, que não quer uma aliança exclusiva com Washington por muito que rivalize com Pequim, não funcionará. Tão-pouco pôde Trump impor a sua vontade para asfíxiar economicamente o Irão e condicionar aliados como a Turquia ou a Índia, nem muito menos o Paquistão, que está cada vez mais próximo dos chineses e mais longe dos norte-americanos.

Este livro não é apenas uma crónica dos recursos disponíveis e das iniciativas da China na Ásia e noutros continentes, nem um simples manual de geoeconomia. Pretende também ser uma advertência ao Ocidente e, nomeadamente, aos Estados Unidos, para que não embarque numa corrida de rivalidades que acabarão por prejudicar os seus próprios interesses. Preocupar-se com o Brexit ou com os comentários no Twitter de Donald Trump é, segundo Frankopan, uma maneira de se distrair da realidade da Ásia emergente, do continente que vai marcar, e está a marcar, o século XXI.

Nem a desestabilização dos países nem os desaires numa rede de alianças, que custou décadas a estabelecer, irão beneficiar

os Estados Unidos. O velho mundo deve despertar para os desafios que o século asiático suscita.

A. R. R.



“La transformación de la mente moderna”

“The Coddling of the American Mind”

Autores: Jonathan Haidt e Greg Lukianoff
Deusto. Barcelona (2019)
440 págs.

Estaremos a preparar adequadamente os jovens para encarar a vida adulta, ou estamos a protegê-los demasiado? Neste interessante ensaio, o psicólogo norte-americano Jonathan Haidt e o especialista em liberdade de expressão, Greg Lukianoff, abordam esta pergunta e apresentam pistas interessantes para pais e educadores.

Cada vez em maior número, muitos estudantes mostram-se relutantes a expor as suas opiniões e a discuti-las com franqueza na universidade, onde se tem vindo a assistir nos últimos anos a uma restrição da liberdade de expressão. Há já algum tempo, aquilo que deveria ser a “academia da mente” está cheia de pessoas que recusam o debate e o pensamento crítico, curioso fenómeno para a universidade.

Os autores consideram que esta situação se deve a três ideias erradas que se introduziram no subconsciente de muitos jovens, e de outros menos jovens, que acreditam defender uma visão generosa e inclusiva da educação. A primeira: o que não te mata torna-te mais fraco (fugir de qualquer dificuldade). A segunda: deves confiar sempre nos teus sentimentos (sendo muito suscetível). E, por último: a vida é uma luta entre as pessoas boas e as más (e tu és dos bons).

No entanto, este livro corajoso e rigoroso mostra que esta forma de pensar, que pode parecer benéfica porque protege o indivíduo e lisonjeia o seu próprio instinto, contradiz na realidade o bem-estar do ser humano. Essa falsa cultura da segurança, que se afasta dos argumentos que causam desgosto, interfere no desenvolvimento social, emocional e intelectual dos jovens. E dificulta-lhes o percorrer do caminho, muitas vezes complexo e tortuoso, que leva à vida adulta.

“Muitos jovens nascidos depois de 1995, os que foram chegando às universidades a partir de 2013, são frágeis, hipersuscetíveis e maníacos. Não estão preparados para encarar a vida, que é conflito, nem a democracia, que é debate. Vão de cabeça para o fracasso”, salientam neste ensaio, que reflete também sobre essa cultura terapêutica que se estendeu nos *campus*.

Jonathan Haidt e Greg Lukianoff não se limitam a fazer um diagnóstico; também adiantam valiosos conselhos para ajudar os jovens a superar essa forma de pensar. Como os músculos ou os ossos, as crianças são “anti-frágeis”, o que significa que necessitam de *stress* e desafios para aprender, adaptar-se e crescer. Se protegemos os jovens de qualquer tipo de experiências potencialmente perturbadoras, torná-los-emos incapazes de lidar com esses acontecimentos quando forem adultos. Por outro lado, convém que estejam prevenidos contra as distorções cognitivas mais frequentes em que incorrem os adolescentes, encerrados na argumentação emocional (“não sou bom, o meu mundo é desolador e não há esperança para o meu futuro”). Mas os autores previnem igualmente contra a cultura da acusação pública e a mentalidade de “nós contra eles”, levando a esquecer, como dizia Alexander Soljenítsin, que a linha divisória entre o bem e o mal atravessa o coração de todo o ser humano.

Os autores mostram igualmente com dados e estudos, os prejuízos do *smartphone* e das redes sociais em idades precoces, o impacto que teve na formação dos jovens o declínio do jogo livre não supervisionado, e refletem sobre a saúde mental dos nossos jovens. É significativo que dediquem o livro às suas mães, isto é, às que os ajudaram a eles a preparar-se para a vida.

S. L. C.

